

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Ponte dos Portuguezes em Nagasaki (*Japão*), pelo sr. VISCONDE DE S. JANUARIO..... Pag. 49

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :

Considerações ácerca da hygiene nas habitações, pelo sr. F. J. DE ALMEIDA » 50

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Monte de Santa Luzia (com uma estampa), pelo sr. P. da S. » 52

Lapide luso-romana (com uma estampa), pelo sr. S. V..... » 54

Citania — Sabroso, pelo sr. MARTINS SARMENTO » 54

Monumentos... cyclopeenses (?) em Portugal, pelo sr. S. V..... » 56

Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, pelo sr. F. A. R. DE GUSMÃO..... » 57

Congresso dos Americanistas, pelo sr. S. V..... » 58

Fragmento de lápida sepulcral arábica, descubierto en Mértola (*Carta al Excmo. Snr. J. P. Narceiso da Silva*), pelo sr. RODRIGO AMADOR DE LOS RIOS..... » 60

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO..... » 62

Exposition Internationale de 1878 » 62

NOTICIARIO..... » 63

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

PONTE DOS PORTUGUEZES EM NAGASAKI

(*Japão*)

Entre os numerosos monumentos que attestam a passagem dos portuguezes na vanguarda da civilização europea, pelas mais remotas regiões do Oriente, ainda hoje se pode observar na cidade de Nagasaki uma ponte de cantaria em excellent estado de conservação, servindo ao transito ha mais de trezentos annos, sobre um dos mais pittorescos riachos que trazem a sua origem das alcantiladas montanhas que circumdam esta cidade.

Foi em 1570, alguns annos depois da heroica peregrinação de S. Francisco Xavier por aquellas paragens, que os negociantes portuguezes, que fundaram a cidade de Nagasaki, com permissão do daimio de Omoura, entre outras obras importantes, construíram esta ponte, destinada a ligar dois bairros da crescente povoação.

Os templos e as casas desapareceram com as victimas da perseguição religiosa, pois que o fanatismo budhista, depois do martyrio dos christãos, des-

truiu as suas obras; apagando da grandeza de umas e da utilidade de outras, os mais insignificantes vestígios. Só esta ponte conservaram, ou pela utilidade do seu aproveitamento, ou como modelo para outras construções, ou quiçá como monumento testemunhal dos seus barbaros feitos, pois que o monte de Ossua, onde milhares de individuos soffreram o martyrio pela sua constancia na fé de Christo, fica sobranceiro á mesma ponte, e decerto que as aguas da ribeira que ella atravessa, se tingiram n'esses dias fataes com o sangue d'esses martyres.

A *ponte dos portuguezes*, assim chamada pelos naturaes do paiz, faz recordar tantas outras que por ahi vemos, principalmente nas provincias do norte. Compõe-se de dois arcos circulares de volta inteira solidamente apoiados nos encontros que ligam com a estrada, e n'um pégão central. Os arcos terão 8 a 10 metros de vão. O pégão é armado a montante e a juzante do rio, com talhamares de secção semicylindrica, terminando superiormente por uma especie de capitel conico. O pavimento da ponte, subindo sensivelmente de ambos os lados para o centro, é

ortemente lageado, e guarnecido de guardas de cantaria abertas em losanges. A cantaria é toda de granito extrahido das pedreiras proximas, está regularmente trabalhada, formando fiadas successivas, e devidamente alinhadas em toda a superficie dos encontros, pégão e tympano. Os arcos são formados de aduelas miudas, mas bem talhadas, e tão bem assentes, que ainda hoje são muito pequenas as depressões, posto que pelas fendas da cantaria se tenha desenvolvido uma abundante vegetação.

Os japonezes tem reparado esta ponte em varios logares, sem comtudo lhe fazer perder o seu typo peculiar. É pois provavel, que ainda durante seculos esta obra continue a attestar n'aquellas longinquoas paragens, os esforços legendarios que os nossos au-

daciosos conterraneos fizeram no seculo xvi, para se estabelecerem solidamente em todas as partes do extremo oriente.

É indefinivel o effeito, que, em nossa visita a Nagasaki, em mim e em meus companheiros, produziu a vista d'esta singela construcção! Tão longe da patria, trazia-nos á memoria construcções analogas em pontos pittorescos das nossas provincias. Era a ponte da villa dos Arcos de Val de Vez, cercada dos ligeiros *chalets* japonezes, e da extravagante architectura das capellas kamis e dos pagodes budhistas!

Para descrever alguns templos mais notaveis do Japão, n'outros artigos trataremos da architectura original e caracteristica d'aquelle imperio.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES

ACERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

No n.º 38 da *Revue nouvelle de l'industrie et des travaux publics*, publicada em 18 de Setembro de 1877, encontra-se o seguinte titulo: *Technologie da edificação* — e em seguida uma declaração da redacção em que diz: « Com este titulo vamos reproduzir alguns capitulos da interessante obra do sr. Theodoro Chateau, publicada em 1863 pela livraria Morel. « Esta obra, destinada especialmente aos engenheiros, architectos, empreiteiros, e conductores de trabalhos, mereceu grande e justo acolhimento; infelizmente não é ella assáz conhecida actualmente »

A obra do sr. Chateau era já nossa conhecida, e foi a sua leitura que nos despertou a idéa de publicar no nosso BOLETIM os artigos, que tem por titulo — *Materiaes para construcção*; e continuarmos depois alguns artigos em relação ás construcções, segundo as idéas d'aquelle competentissimo auctor.

Infelizmente, a estreiteza do nosso BOLETIM não tem permitido a realisação da nossa idéa, com a extensão e brevidade, que desejavamos.

Agora porém, que a *Revue nouvelle* tem publicado e continúa a publicar, artigos com relação ao objecto, segundo os principios do sr. Chateau; vamos nós também encetar no nosso BOLETIM a publicação resumida dos mencionados artigos, por isso que os julgamos de subido interesse na actualidade, tanto pelo assumpto como pela occasião.

Os medicos tem-se occupado n'estes ultimos tempos com louvavel zêlo do estudo da hygiene publica, e tem indicado as medidas de policia sanitaria e meios administrativos, proprios e necessarios para salvaguardar a saude dos povos.

Não obstante essa illustrada dedicação, os governos modernos não tem ligado ao assumpto a importancia que merece objecto tão sério. Será talvez necessario que grandes epidemias venham disimar e affligir os povos, e a pobreza e desgraça se patenteiem com todo o seu sequito, para que então se mostre a solicitude dos poderes publicos no cumprimento de um dever, tão necessario ao bem estar e felicidade dos individuos.

O estudo da hygiene publica foi consequencia necessaria d'aquelles males, que está exuberantemente provado terem a sua principal origem nos grandes centros de população, e no olvido dos meios proprios para evital-os; e nem por isso os poderes competentes tem ordenado e vigiado, os meios de os combater como lhes cumpre.

As considerações sobre hygiene de construcções são muito complexas, e dividem-se em muitas partes; comtudo não trataremos por agora senão do que diz respeito á *collocação e exposição* das edificações, que no nosso entender são condições essenciaes de hygiene.

Depois trataremos das condições de salubridade interior, circumstancia altamente descurada n'este paiz; estudaremos então os principios em que se deve fundar a saudavel ventilação, em relação á sua temperatura e estado hygrometrico, composição e alterações; não esqueceremos os males provenientes do *ar confinado*, e as causas que o podem alterar, como *respiração, acção cutanea, illuminação*, especialmente pelo *gaz, latrinas, cannos de esgoto*, etc.

Quanto ao estudo de *materiaes de construcção*, continuaremos os nossos artigos, não desprezando o ponto de vista de salubridade relativa; assim como o seu emprego e posição respectiva com relação á hygiene.

São estes e ainda outros, os fins a que a *Revue nouvelle* dedica os artigos que acima indicamos, e nós iremos por consequencia transcrevendo-os re-

sumidamente no nosso BOLETIM, pela mesma ordem que fôr seguindo aquelle jornal.

Exposição e collocação

Um edificio qualquer, ainda que construido segundo as regras hygienicas, pode não obstante tornar-se doentio em virtude de influencias e causas exteriores, taes como: proximidade de charcos, praias infectas, cemiterios, estrumeiras, detritos de fabricas, e de materias animaes ou vegetaes, bem como animaes em putrefacção e fermentação, subsólos turbosos (terra combustivel) ou argillosos (barreiros), terrenos lamacentos ou pantanosos, finalmente uma collocação avêssa ao accesso do sol, e da luz; ao passo que a collocação das portas e janellas seja tal, que fiquem expostas á acção dos ventos frios e humidos ou saturados de neve.

É necessario portanto, quando se escolher um terreno para construcção, preferir um terreno calcareo, areento, ou granítico. Que esteja o mais longe possivel de aguas estagnadas, e de tudo que possa viciar o ar.

Estas condições de salubridade raras vezes se encontram no fundo dos valles, por isso que é alli que quasi sempre se accumulam as aguas das vertentes proximas, e os terrenos são as mais das vezes formados pelos resultados das aluviões mais ou menos remotas. As aguas, volatizando-se, absorvem uma grande quantidade de calor, e depois quando se transformam em vapor, são então durante a noite causa inevitavel de humidade nas habitações; e produzindo abundantes nebrinas e geadas, prejudicam por isso a acção benefica do sol nascente, interceptando os seus raios, e o beneficio saudavel da sua influencia.

Além d'isso, o fundo dos valles tem ainda o inconveniente de se não poder gosar da saudavel e agradável impressão das brisas ligeiras, por isso que a disposição dos terrenos altos impede a circulação, e essa circumstancia não deve ser desprezada como meio util de ventilação,

Não se julgue porém, que indo edificar no cimo dos montes se consegue evitar todos os perigos, e inconvenientes, por isso que não existem ali aquelles que acima se indicam; ao contrario, no cume dos montes impera o sol com grande força, e torna por isso o terreno secco em excesso (quando não é argiloso); além d'isso a falta de abrigo natural, faz que se sinta alli uma ventilação violenta e activa; essa circumstancia tem além de outros inconvenientes em geral bem conhecidos, o perigo que se faz sentir nos diversos systemas de telhado e cobertura; e, em relação á saude, é uma ameaça constante para as organizações debeis e delicadas, especialmente para as creanças, que tendo uma predisposição especial para as doenças eruptivas, lhe é necessario evitar os resfriamentos repentinos, e mudanças bruscas de ventilação, ainda mais que as pessoas adultas.

O espaço intermediario entre o fundo dos valles, e a crista das montanhas, é portanto aquelle que se deve preferir quando se trate de construir uma habitação, todas as vezes que a escolha nos seja possivel, por isso que n'esse espaço não se apresentam commummente os perigos e inconvenientes que acabamos de mencionar; comtudo ahi mesmo, o modo por que se dispõem o edificio, e a sua collocação (orientação), são circumstancias de grande importancia hygienica.

Orientação é o nome que o sr. Chateau dá á collocação conveniente e saudavel de uma casa de habitação, e para isso se conseguir tanto quanto fôr possivel, deve-se ter em vista: que os declives voltados para lêste tem a vantagem de receber os raios do sol nascente, serem preservados da acção directa dos ventos humidos do noroeste, e por consequencia menos expostos aos effeitos provenientes das nebrinas e humidade, que actuam em outros logares.

A temperatura minima encontra-se assim em um grau mediano, sem tocar os extremos, tanto de verão, como de inverno, por isso mesmo que são sufficientemente arejados per uma brisa moderada e saudavel.

É portanto em locaes de tal posição, que se deve fazer a diligencia de edificar, segundo a opinião do sr. Chateau.

Depois indica aquelle senhor, as construcções voltadas para o sul; porque assim, tornam-se sêccas, e agasalhadas; com quanto eu possa dizer, que no inverno são fortemente açoutadas pelas grandes chuvas¹, e no verão talvez quentes de mais.

As frentes voltadas para o lado do norte tem o inconveniente de receber sol avêssa, e por isso na posição de receber pouca luz e pouco calor, circumstancias que são muito para attender em uma casa qualquer: a insufficiencia de luz, e a falta de calor.

Com quanto porém as frentes voltadas para o norte não tenham as vantagens, que em outras mencionâmos, ellas são comtudo muito preferiveis áquellas que ficarem voltadas para o oeste; essas são sempre não só açoutadas e enxovalhadas pelas tempestades, mas até batidas pelas chuvas ainda as menos abundantes; d'onde resulta o grande defeito da reconcentração da humidade, que, prejudicando a saude damnifica os moveis e roupas; e finalmente tem o grande defeito de privar o goso dos raios do sol da manhã, dos quaes o beneficio hygienico está de ha muito reconhecido.

(Continúa.

F. J. DE ALMEIDA.

¹ Em Portugal o segundo inconveniente não é muito para se considerar; por isso que raras vezes ha excessivos calores: quanto ao primeiro será facil combatel-o, se os proprietarios, e os incumbidos dos trabalhos, exigirem dos operarios mais reparo nas obras, em relação ao conforto, e combate da intemperie dos elementos; assim evitar-se-ha a chuva, o vento, a humidade, e até mesmo o calor.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONTE DE SANTA LUZIA

(VIANNA DO CASTELLO)

Distribue-se com este numero do nosso jornal, uma estampa, representando os fragmentos ceramicos encontrados nas excavações do Monte de Santa Luzia, ás quaes se refere o RELATORIO publicado em nosso n.º 2 do presente tomo. No mesmo numero foi annunciada, para o seguinte (o n.º 3) a publicação d'esta estampa (pag. 27), mas que só agora pôde ser distribuida, por motivos alheios á vontade da Redacção. Infelizmente as excavações n'este monte, que tão auspiciosas começaram, não tem continuado desde julho ultimo!

A explicação dos treze fragmentos, desenhados n'esta estampa, e coloridos com a côr natural que representam, é a seguinte:

- N.º 1 — Fragmento de um vaso de barro feito ao torno, tendo indicado o traçado de uma voluta de contorno regular.
- » 2 — Borda de um vaso, representando uma pestana com olhal em fôrma da entrada de um escudete. O barro é da mesma qualidade do n.º 1, com pouca grossura, estando a parte interna coberta de côr preta lustrosa.
- » 3 — Fragmento que mostra a parte externa da borda de um grande vaso, com reborda que se liga a um escapulado, afim de formar o bôjo. Foi fabricado sem auxilio de torno.
- » 4 — Pequeno fragmento de louça mais fina, feita de barro micaceo.
- » 5 — Parte do fundo e lado de um vaso de barro escuro; tendo um cordão liso que separa o fundo, do lado. A argilla é misturada com mica; e a parte interna está coberta de uma côr preta, mostrando vestigios de ter estado ao contacto do fogo.
- » 6 — Rodella de argilla cozida, com orificio no centro. Grandeza natural.
- » 7 — Aza de bonita fôrma, feitiço delicado e apurada execução, que porventura pertenceria a alguma caneca.
- » 8 — Fragmento de grande vaso de barro, com bastante grossura; apresentando a reborda uma pestana, que em lugar de estar na posição horizontal da do n.º 2, representa a fôrma arqueada, saliente e vertical, sendo porventura a

parte mais convexa para servir de pega. Nota-se a pequenez d'esta azelha para segurar um grande volume, e isto poderia fazer lembrar as mãos pequenas da raça celtica.

N.º 9 — Outro pequeno fragmento de barro, da qualidade do n.º 1, mostrando vestigios de ter estado ao lume.

» 10 — Azelha, similhando um pouco as de um pote pequeno; mas de fôrma mais agradável, e talvez offerecendo melhor pega.

» 11 — Pedacinho de barro, demonstrando mais apuro no fabrico. Está ornamentado com filetes paralelos, collocados em diagonal; sendo a argilla de escolhida qualidade.

» 12 — Pequeno fragmento de louça de barro, que parece ter sido modelado em fôrma de terra. A qualidade do barro é igual ao do n.º 5.

» 13 — Parte inferior de uma grande bilha, mostrando um rebaixo no fundo, para formar o pé em que se firmava. É do barro da qualidade do n.º 4, e foi feito ao torno.

N. B. — A elegante bilha marcada com a letra R, foi achada dentro de uma sepultura na propriedade do sr. conselheiro Calheiros, no seu solar de Ponte de Lima, na mesma occasião em que se fizeram as excavações no monte de Santa Luzia. Talvez serviria esta bilha para cerimoniaes funereas.

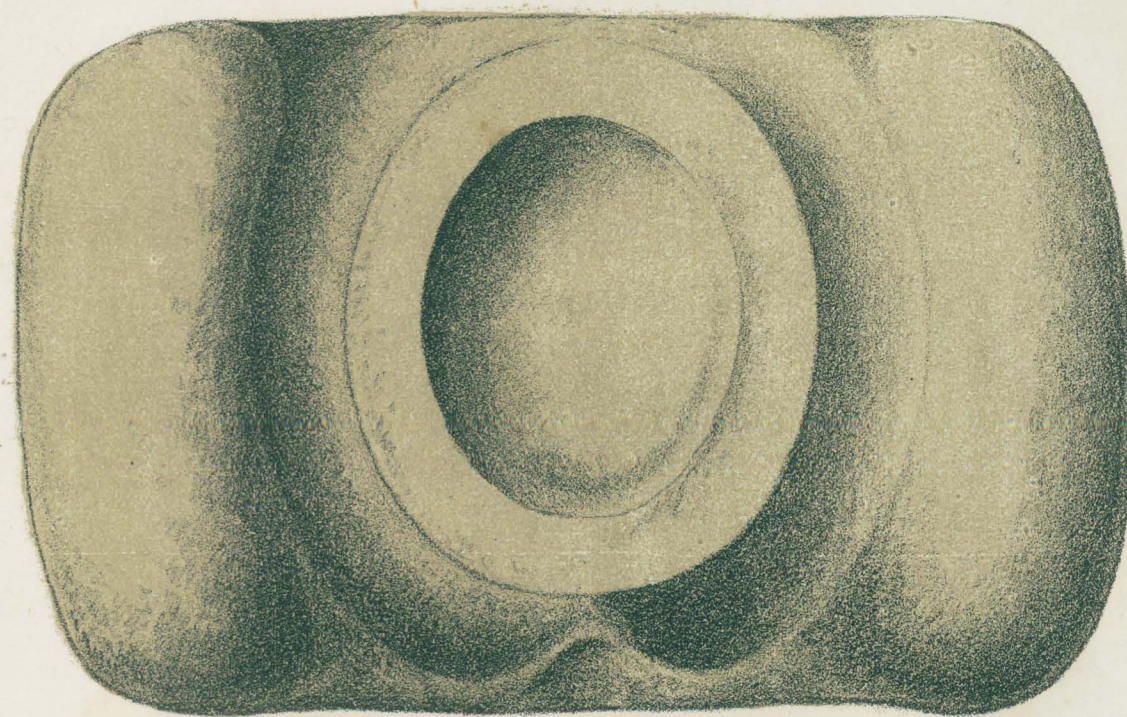
P. DA S.

LAPIDE LUSO-ROMANA

O digno Director das Obras-publicas do districto de Vizeu, procedendo a excavações para assentar os alicerces de uma ponte sobre o rio Paiva, em Castro-Daire; descobriu uma lapide com certas gravuras e caracteres latinos: do que deu conta ao governo de sua Magestade, em setembro ultimo.

O sr. Ministro das Obras-publicas mandou ouvir a tal respeito, a nossa Associação; a qual consultou o que entendeu conveniente, em vista apenas de um simples desenho que lhe fôra enviado.

Este desenho comquanto bem executado, e com certa franqueza artistica, que faz honra ao desenhador, está longe todavia de podêr offerecer base para um juizo seguro sobre o que representa. Os cara-



PARTE SUPERIOR



ALTAR ROMANO DE GRANITO DESCOBERTO EM CASTRO DAIRE
desenhada na sua propria grandeza.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
Antiguidades descobertas na provincia do minho em 1877

POR
J. P. N. DA SILVA



cteres, que se dizem gastos, deveriam ter sido representados por calcos; ou ainda melhor conviria inspecional-os com lente, sôbre a propria pedra. Carecia-se tambem de minuciosas informações sôbre as circumstancias do sitio onde foi descuberta a lapide, etc.

Apezar porém, d'esta falta essencial de elementos, para formar um raciocinio seguro; parece podêr arriscar-se que a lapide de que tracto, seria um altar portatil da epocha luso-romana. E entre outras apreciações, a mais provavel é que seria voto consagrado por algum caçador; ou que a este fôra dedicado.

A lapide não chega a medir trinta centímetros d'altura. Na face da frente tem grosseiramente gravado um animal, que se suppoz ser um javali; e as letras V O T U = A R D \ = V S.

N'uma das faces lateraes, apresenta em grosseira gravura um homem nu, sopesando uma lança de largo ferro em fôrma d'amendoa. Na outra face lateral, as letras A = P R = A T.

A nossa estampa (n.º 24) representa estas tres faces da lapide: e esse desenho me dispensa de mais desenvolvida descripção, sobre a fôrma d'ella.

Como se sabe, os altares-portateis foram usados por diferentes povos, e mais particularmente por gregos e romanos, entre os quaes mui pouco differem. Eram vulgares nas habitações, para os sacrificios aos Lares e aos Genios: e até usavam transportal-os comsigo. Alguns tambem eram votivos, como em gratidão aos deuses por beneficios recebidos. Os gaulezes adoptaram este costume dos seus dominadores; como talvez fizeram os lusitanos.

Esta é a quinta lapide de tal natureza, descuberta no nosso paiz, que por agora saibamos. Uma d'ellas hoje existente na Bibliotheca-nacional, foi encontrada proximo de Leiria, no comêço d'este seculo. É quasi da mesma configuração, e do mesmo tamanho, da lapide de Castro-Daire.

Existe outra, tambem quasi com as mesmas dimensões, mas variada na fôrma superior, na Academia-real das Sciencias, encontrada na villa de Soure.

O sr. Hübner, nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, dá ainda os desenhos e a noticia de mais dois altares-portateis: um de maiores dimensões, com uma inscripção grega, encontrado proximo de Tavira, e hoje propriedade d'um particular; outro, que fôra achado aqui em Lisboa, nas thermas romanas da rua da Conceição, e que não sabemos onde ao presente existe.

A feição de todas estas pedras é mui semelhante em geral; mas differem no tamanho, e variam nos emoldurados, e ornatos das faces. A de Castro Daire é simples e tosca; mas distingue-se pela concavidade superior, e pelas esculpturas; decoração aliás muito usada n'estes monumentos, tanto gregos como romanos.

Quatro d'estas lapides tem inscripções latinas, já decifradas quasi totalmente; e uma tem inscripção grega, como disse. Duas tem esculpturas: a de Tavira, mostra-nos uma pomba e um cacho d'uvas, fructo que se nota esculpido n'outros altares gregos conhecidos; e a de Castro-Daire, mostra-nos dentro da inscripção da principal face, um animal que parece dar ares d'uma javali; representação ésta que se observa em muitos altares romanos do Museu do Vaticano, como animal consagrado a Diana, e symbolo das festas periodicas celebradas em honra d'esta deusa. N'uma das faces lateraes, mostra-nos tambem uma figura, com grande lança na mão, arma que alguns antiquarios disseram ser primordial da peninsula hispanica, e que pela fôrma do ferro (largo e chato) poderia ter-se como a d'algun grande caçador, porque assim a usavam em suas caçadas, especialmente de javalis. Esta figura parece nua, e nus são representados os caçadores da antiguidade; alguma vez tambem com a chlamyde.

Sabido é, que a Lusitania continha muitos javardos e ursos, e talvez d'isso lhe proveio o nome: *Terra d'ursos*. Natural seria, que pelas suas partes abundassem os caçadores para combatel-os; e a lapide poderá ter allusão a esses exercicios. Na meia-edade ainda os grandes caçadores de feras, mereciam dos camponezes quasi o culto de *sanctos*. Até lhes dedicaram templos; porque muitos ermitas se applicavam ao exercicio de taes caçadas, com o fim de se tornarem uteis e bemquistos.

E diz-se tambem dos germanos e gaulezes, que usavam uma imagem de javali no topo de grandes paus, como uma especie de signa a qual muito acatavam.

As esculpturas d'esta lapide são mui grosseiras, como já disse, o que não prova de modo nenhum o archaismo d'ellas, mas apenas o atrazo da arte na região em que foram executadas.

Algumas das pedras a que me tenho referido, são attribuidas ao comêço do segundo seculo da era christã, e uma d'ellas ao terceiro seculo. Quem sabe se poderemos conjecturar, alguma pouco mais de antiguidade, n'esta pedra de Castro-Daire? So a decifração das suas inscripções, completa, se podêr fazer-se; e a indagação critica e minuciosa de todas as circumstancias, que se refiram á localidade em que foi encontrada; nos poderão elucidar convenientemente n'este, e nos demais pontos da sua apreciação. Se esta pedra for depositada no nosso Museu (sem que, suggerindo-o, eu tenha a minima intenção de privar da propriedade d'ella a quem de justiça competir), para os indispensaveis exames, sem os quaes jámais se poderá arriscar juizo seguro em tão melindroso assumpto; dignando-se ao mesmo tempo, o director das obras publicas do districto de Vizeu, dar-se ao incommodo de responder ás infor-

mações, que se lhe solicitarem : quasi que posso assegurar, que do estudo e diligencias, muito mais se poderá e deverá alcançar.

No emtanto, o nosso consocio, o sr. Victorino da Silva Araujo, que muito se dedica ao estudo da epigraphia, como os leitores do nosso BOLETIM ja terão apreciado, pensa que as letras gravadas n'esta pedra, poderão ser assim entendidas :

VOT (um) U (ovit) ARDU... A S (e) APR (o) AT (tacto).

«Fez este voto Ardu... por ter alcançado (morto) um javali.»

A palavra *Ardu*... que não está completa, julga o sr. Araujo, que será o nome do votante; provavelmente algum lusitano, porque o nome não parece de romano.

O sr. padre Antonio Ferreira Louro, de Leiria, a quem o sr. Araujo consultou a respeito d'esta inscripção, por ser competente, leu-a d'este modo :

APR (i) A (nnuo) T (empore) VOTU (m) ARD (enti) A (nimo) S (olutem).

«Voto de um javali no tempo de um anno, cumprido com animo ardente.»

Isto suppondo, que algum caçador destemido, fizera voto aos deuses, de matar pelo menos um javali em cada um anno.

Esta inscripção ainda poderia ler-se (tambem segundo o estudo do sr. Araujo) : *Aram propriam atque votum vovit Arduas*.

E muitas outras interpretações todavia, se lhe poderão dar. Em epigraphia, a sagacidade dos interpretes, presuppondo-lhes sempre a conveniente illustração, depende muito das circumstancias que convenientemente possam ser apreciadas, e ligadas com a epigrapha que se pretende interpretar. Ainda assim, os enganos são frequentes. Os mais afamados epigraphistas, vão proseguindo, desde seculos, em apontar erros, desacertos e inadvertencias, uns aos outros.

S. V.

CITANIA — SABROSO

(NOVAS DESCOBERTAS)

O nosso socio, o sr. Francisco Martins Sarmiento, distinguio a nossa Associação com uma nova remessa de excellentes photographias (vinte e seis), concernentes ás importantes excavações, que o sr. Martins Sarmiento com mui esclarecido zêlo, continúa pelo seu monte de Briteiros, e immedições.

Debalde se tem procurado a necropole do povo que habitou aquelles sitios, pela epocha a que se referem as suas ruinas.

«Ha porém para este lado (o poente), algumas grutas em penedos, onde me parece que não andou

só a mão do homem (diz o sr. Martins Sarmiento, em carta ao presidente da nossa Associação); mas tudo isto, como é bem de suppor, está despojado ha seculos. O resultado das minhas excavações este anno, vae resumido nas photographias que remetto. Não fui tão feliz como merecia, attendendo á quantidade enorme de pedra e de terra que fiz revolver. A maior parte dos objectos que apparecem são repetidos. Novidades poucas.

«Em compensação, Sabroso, um quarto de legua ao SO. de Citania, e á vista d'ella, tem dado resultados como eu não esperava. Conto para o anno adiantar esta exploração, não só porque Sabroso tem grande interesse, mas porque talvez alli possa encontrar-se alguma chave para nos abrir os enigmas da Citania.

«A fórma das casas em Sabroso, é a mesma. Tem porém esta estação differenças notaveis, e apresenta factos dignos de registrarem-se. Exemplo : quasi toda a ornamentação da ceramica é differente da de Citania. Não apparecem fragmentos d'amphoras, nem de telhas, nem de vidro, nem de loiça vermelha. A muralha, que era mais um muro de suporte do que outra coisa, e que depois de posta a descoberto deu 3,34 metros d'altura, e era de 5,10, com 4,50 de largura (!); é em talude. Objectos de bronze apparecem, relativamente, mais do que em Citania. Entre elles são notaveis um pequeno bracelete d'estylo celtico, um broche, e uma agulha.

«Na excavação ao pé da muralha, encontrei tambem um pequeno machado de pedra, esverdeada e polida. Não era arma, attentas as suas pequenas dimensões; poderia ter sido objecto de culto (?)... Tentarei photographar este machado, e os objectos de bronze, e remetterei as photographias logo que possa.»

F. MARTINS SARMENTO.

MONUMENTOS... CYCLOPEENSES (?) EM PORTUGAL

O sr. Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel, em duas cartas de 13 d'agosto e de 1 de setembro, ultimos, dirigidas ao Presidente da nossa Associação, remette os esbocetos dos montes do castello de Penafiel, e do castello d'Arnoia no concelho de Celorico-de-Basto, os quaes o sr. Simão Ferreira denomina : *Penhas cyclopes*. «Ainda nenhum dos nossos escriptores, nem estrangeiros, me consta que fallassem de taes monumentos (diz o sr. Simão Ferreira), que eu tenho por fortificações da idade da pedra... as quaes tem passado desapercibidas; talvez porque a maior parte dos escriptores so escrevem nos seus gabinetes, copiando uns dos outros, sem visitarem os monumentos pelos montes e bosques, estudando-os e examinando-os nas localidades. E estes de

que tracto, vistos so de relance, apenas darão mostras de penedos e picos naturaes.»

O sr. Simão Ferreira diz, que são muitos os monumentos cyclopes que ha por aquelles sitios; e pensa muito bem, que uma collecção de desenhos d'esses monumentos, acompanhada d'artigos competentemente escriptos, seria do maior interesse para os estudos da epocha prehistorica do nosso paiz.

Mas limitando-se por agora ao monte do Castello de Penafiel, diz o sr. Simão Ferreira, «que este monte é digno de toda a attenção do profundo investigador. Visivelmente se reconhece, que não é natural esta penha; mas formada pelo trabalho humano. Em seguida, para o norte, estão os montes de Perafita (Petraxia dos romanos) como contraforte da elevada serra da Lagoa, que me parece ser um vulcão extincto. As vertentes d'estes montes descem até aos rios Tamega e Sousa; e por alli passa a estrada de Guimarães d'entre ambos os rios.

«Conhece-se que este contraforte foi separado da serra, pelos lados do norte e do sul, para assim formarem a penha: quebrando grandes penedos para lhe darem a fôrma conica que tem. Terá esta penha cincoenta a sessenta metros de circumpherencia, e trinta a quarenta metros d'altura. Do lado do nascente ha um despenhadeiro abrupto d'alguns duzentos metros, e para o qual rolou certamente, a grande quantidade de pedra que cortaram no cimo. Pela parte de baixo existem tombadas, algumas pedras compridas e toscas, poucas actualmente por as haverem tirado para o nobre edificio construido no Reguengo, e as quaes supponho teriam sido alli postas ao alto; similhantemente ás que assim foram collocadas n'algumas cidades cyclopes da Italia. Por entre as rochas e fendas d'esta penha, vegetam pinheiros rachiticos, giestas, silvas, e matto. No cume veem-se algumas pedras grandes, irregularmente quadradas; e termina com uma pedra quadrilonga irregular, que terá 1^m,30 de comprido por 0^m,90 de largo. Tem pouca terra vegetal. Abaixo da pedra superior, e de outras que a sustentam (umas quatro ou seis), conhece-se em volta um circulo irregular, por onde poderá andar um homem em roda, observando para todos os lados.

«Para o sul existe amplo terreno de fôrma circular, hoje cuberto de matto e arvoredado, que parece proprio para reuniões de gente. Muito proximo, existe um grande penedo, quasi oblongo, equilibrado sobre outro penedo, e o qual uma alavanca apoiada n'uma pedra que está aopé, faz mover talvez como baloiço, não obstante a massa enorme d'esta pedra. Perto d'alli estão pias fundas, cavadas em penedos.»¹

¹ São as pedras-oscillantes e as pedras-gamellas, que no meu *Estudo sobre os Dolmens*, suppuz que deveriam existir tambem no territorio portuguez, mas até então (julho, 1876) não encontradas, ou jámais mencionadas. Agora tem-se ido notando algumas por diversas partes.

A respeito do monte do castello d'Arnoia, diz o sr. Simão Ferreira não ser exacto o que se lê no *Portugal antigo e moderno*, de ser obra de moiros; porque as fronteiras christãs eram muito além; e apenas alli poderiam ter chegado moiros n'alguma correria. Está persuadido de que foi tambem uma penha cyclope, e das maiores; porque é superior á do castello de Penafiel.

Esperámos podêr publicar os desenhos d'essas penhas, com alguma Memoria do sr. Simão Ferreira em que serão desenvolvidos decerto, os fundamentos da sua opinião. Mas o que fica citado, é ja muito bastante para excitar o interesse dos archeologos, em assumpto tão novo no nosso paiz, como importante para os estudos prehistoricos em geral.

A existencia dos pelasgos, aos quaes vulgarmente são attribuidas as construcções cyclopeenses, pelas ilhas e margens do Mediterraneo, assim como pela Italia, é coisa geralmente acreditada: e sendo assim, não seria de maravilhar, que esse povo, perito nos mares, tivesse penetrado tambem no territorio hoje portuguez. Mas, segundo alguns eruditos, ja por algumas d'essas partes existiam os iberos, ligures, etc. quando por la appareceu um povo de gigantes, os pelasgos, que ahi combateram os iberos, e os venceram.

N'esta ordem d'idéas, os iberos (procedentes da Atlantide ou da America... mas provavelmente da região africana do Atlas), estariam estabelecidos pelo occidente e muito pelo sul da Europa, alguns seculos antes da vinda dos pelasgos; aos quaes, como acima disse, vulgarmente se attribuem as construcções cyclopeenses. O que porém está sendo hoje apurado pelos eruditos, é que muito antes de iberos e pelasgos (nomes que melhor designarão raças do que povos), tinham existido os *Cyclopes*; que parece serem os homens denominados das *cavernas* (os kuclopes d'Homero? os troglodytas dos archeologos?).

Estes homens, segundo esta opinião, nada tem que ver com as emigrações orientaes nem com as invasões indo-europeas (kelticas? aryanas?) de 20 seculos A. C. As construcções cyclopeenses poderão assim ter-se por muito mais archaicas, e dizerem-se puramente da idade da pedra, ou authoctones, no sentido mais restricto d'esta palavra.

Os Cyclopes (filhos de Neptuno), teriam existido pois por muitas ilhas, e por algumas das margens do Mediterraneo; como tambem pela parte mais occidental da Europa. Defeito, em todos estes logares apparecem as suas construcções, com pequena variedade; e distinctas das construcções dos pelasgos, ainda extranhos á familia indo-europea; e os quaes porventura os civilisariam um pouco, quando vieram a encontrar-se com elles pela Sicilia, e outros pontos: como já haviam feito os iberos, pelo occidente da Europa, e por onde precederam os pelasgos.

Os cyclopes arremecavam penhas, e as suas armas eram penedos (*Dionysicas*). Mas n'este cahos dos primeiros habitantes dos differentes paizes europeus, onde não pôde introduzir luz o *mare-magnum* da erudição historica do sr. d'Arbois de Jubainville (*Les premiers habitants de l'Europe. Paris, 1877*); so os estudos archeologicos dos artefactos ou obras humanas, poderão guiar os escriptores. E ha tambem quem supponha vêr d'estas construcções cyclopeenses, nos enigmaticos *mound-builders* da America septentrional.

O que importa pois essencialmente, é que não nos deixemos dominar por alguma idéa preconcebida, que nos faça tomar por moira, romana, celtica, berebere, pelasgica, ibera, atlantica, cyclope, troglodyta... que sei eu? as descobertas que o acaso, ou as nossas investigações esclarecidas, nos forneçam. Dar-lhes publicidade, e illustrar-as quanto nos seja possível, será o que a prudencia e o bom juizo nos aconselhe; sem arriscarmos desde logo uma opinião, nem nos fascinarmos com as opiniões alheias; ou pelas apparencias, que n'estes assumptos tão illusorias são. Da combinação dos factos, da critica das circumstancias, da multiplicidade das descobertas, é que poderá desenrolar-se algum fio d'Ariadne, que nos dirija n'um labyrintho, que todavia por longo tempo será inextricavel.

Os obreiros como o sr. Simão Ferreira, são muito bem vindos sempre, quando se entregam a investigações tão importantes para a historia da humanidade; mas que apezar d'isso, a muitos parecerão inuteis: aos mesmos talvez, que consomem o seu tempo em composições pueris, quando não são immoraes e perigosas para a sociedade; tudo isso mais do que inutil, lamentavel...

S. V.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

I

Simão de Mello, natural d'Evora, foi filho de Garcia de Mello, alcaide-mór de Serpa, e de D. Filippa Pereira da Silva, ambos da principal nobreza d'estes reinos.¹

Findos seus primeiros estudos, sentiu-se propenso ao estado ecclesiastico, e, para lograr n'elle digni-

¹ D. Jorge de Mello, irmão de Simão de Mello, foi monteiro-mór d'el-rei D. João III; e Henrique de Mello, o primogenito, foi alcaide-mór de Serpa, e ascendente dos porteiro-móres. Seu pae era sobrinho direito de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Olivença, e senhor de Ferreira; de sorte que do seu sangue e da sua casa são ramos os nobilissimos Mellos da casa de Ferreira, hoje os duques de Cadaval, os Mellos do monteiro-mór, e a casa do porteiro-mór. — Fr. Manuel dos Santos — *Alcobaça Illustrada*, tit. XII, pag. 317.

dade que correspondesse ao lustre de seu sangue, dirigiu-se a Roma a solicital-a.¹

Encontrou benigno acolhimento no cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, seu compatriota, que não só o recommendou á benevolencia do Pontífice, de quem era valido, mas lhe cedeu a opulenta abbadia de Alcobaça, de que era commendatario.

E foi n'essa época, em obsequio a tão generoso protector, que Simão de Mello renunciou ao nome do baptismo, tomando o do novo padrinho.

Cursava D. Jorge de Mello a corte exercendo o cargo de esmoler-mór, annexo á sua dignidade, e, quando El-Rei D. Manuel lh'o requeria, dava tambem sobre os negocios o conselho, que havia por mais adequado.

Escutava-o sempre com benevolencia o monarcha, e não sómente approvava em particular as disposições que insinuava, mas até alguma vez chegou a romper em publico alvarás, em que estas disposições se contrariavam, recusando assignal-os.

Mal soffriam os cortezaes tão notorio valimento, e mais odiosa lhes era ainda a nobre ousadia, com que o esmoler-mór os affrontava, embargando-lhes os despachos de pretenções injustas e desarrasoadas.

Devia grangear-lhe, e effectivamente lhe grangeou poderosos e implacaveis inimigos, tão isento e leal proceder.

Para o indispor com El-Rei, facil lhes foi levantar pretexto coloreado; e dando porventura maior vulto aos defeitos reaes, com que o notavam, acoi-maram-no ainda de outros ficticios, mais reprehensíveis e execrados.

É certo que ao cabo de um anno, conseguiram deitarem-no d'alli, por dizer a verdade.

Com estas palavras magoadas, dez annos depois da morte d'El-Rei D. Manuel, se queixava D. Jorge de Mello de tal procedimento, a seu filho El-Rei D. João III.²

Creemos que esta desgraça (tão inconstante é o favor dos reis), e não só empenho de estabelecer con-dignamente o cardeal infante, levára El-Rei D. Manuel em 1519³ a instal o pela permuta com o infante D. Affonso⁴, da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

¹ Assevera o licenciado Jorge Cardoso (*Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 435), que Simão de Mello vivêra disfarçado em Roma, para onde fôra na flor dos annos, servindo muitos o cardeal D. Jorge da Costa, sem se lhe dar a conhecer. Não acreditamos o facto; porque não mostrando a conveniencia do incognito, mal quadrava aos altivos espiritos da reconhecida fidalguia de Simão de Mello, o baixo e degradante estado de servidão, a que expontaneamente se reduzira. Seguimos n'esta parte a Fr. Manuel dos Santos na *Alcobaça Illustrada*.

² Constam estas particularidades de uma carta de D. Jorge de Mello para el-rei D. João III sobre os foraes do couto de Alcobaça, e outros assumptos, transcripta nas *Provas, e Addições da Historia Chronologica e Critica d'aquella real abbadia*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, que faleceu arcebispo d'Evora.

³ Carvalho (*Corographia Portugueza*, tom. II, pag. 343), diz que D. Jorge de Mello foi confirmado bispo da Guarda em 1517; Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça*, pag. 151) assevera que o fôra em 1518; Fonseca (*Evora Gloriosa*, pag. 324), e Fr. Manuel dos Santos (*Alcobaça Illustrada*, tit. XII), decidem-se por 1519.

⁴ Foi o infante D. Affonso filho d'el-rei D. Manuel, e da rainha D. Maria. Nasceu em Evora aos 23 dias de abril de

Acceitou violentado a nova dignidade, que jámais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que então pertencia áquella diocese.¹

II

Começou logo a entender na execução do projecto de fundar nas visinhanças d'esta cidade um mosteiro de monjas da ordem de S. Bernardo, onde expiasse, entregue á penitencia, os delictos de uma juventude desregrada.

Quer-nos parecer, que tamanha queda da fortuna, trazendo-lhe cabal desengano da caducidade das cousas da terra, seria parte, com os proprios remorsos, para lhe afervorar os desejos de se entregar de todo ás do céu.

Em verdade na soltura de costumes, por desgraça, commum n'aquella idade², nenhum tento ou recato guardou D. Jorge³; é, todavia, forçoso confessar, que, depois de entrado em annos, para reparação de tamanhos escandalos, tambem não pou-pou diligencias, como veremos.

Emquanto o bispo D. Jorge cuidava em erigir um monumento, que recordasse ás gerações futuras a sua piedade, empenhava-se D. Helena de Mesquita, cúmplice de seus desvarios, que o acompanhára n'este quasi desterro, em perpetuar o nome de seu filho D. Antonio de Mello, já então legitimado por El-Rei D. João III, e fidalgo de sua casa, vinculando-lhe grossos cabedaes.⁴

É de presumir, que D. Jorge tambem se não esquecesse de que era pae, para promover o estabelecimento d'este filho, como o fez a respeito dos outros dois, D. Bernardo de Mello, e D. Joanna de Mello⁵; nenhuma memoria, porém, nos restam, que positivamente o attemem.⁶

1509. A este principe mandou o papa Leão X o capello de cardeal no anno m. d. xvi, com o titulo de bispo Zagitano (*Damiação de Goes—Chronica d'el-rei D. Manuel*, parte II, cap. XLII).

¹ Foi tanta a mágoa de D. Jorge de Mello, diz Cardoso (*Agiologio*, Lusitano I. cit.) pela forçada renuncia da abbadia de Alcobaça, que nunca entrou na Guarda; e accrescenta Carvalho (*Corographia Portugueza*, I. cit.), que dizia, que não havia de ir a terra onde matabam os bispos. Effectivamente havia sido assassinado o seu predecessor D. Alvaro Chaves.

² Veja-se a obra intitulada *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* por A. Herculano, tom III, pag. 33 e seguintes; e *Reflexões Historicas* pelo conselheiro João Pedro Ribeiro, parte I, n.º 17.

³ «Nem os proprios cistercienses disfarçam, que existia de frente do mosteiro (de Alcobaça) uma D. Ignez de Mesquita (Helena de Mesquita aliás), com quem o abade (D. Jorge de Mello) tinha commercio illicito, e do que procedem ter nada menos de tres filhos naturaes». — *Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça*, cap. IV, pag. 151, por Fr. Fortunato de S. Boaventura.

⁴ É datado o instrumento da instituição do morgado de 15 de novembro de 1522.

⁵ D. Bernardo de Mello foi prior da parochial igreja de S. Pedro de Penamacor, e da de Teixeira, ambas do bispado da Guarda.

D. Joanna de Mello foi abbadessa perpetua do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, principiado a exercer o cargo ainda em tempo de seu pae.

⁶ Dos documentos do archivo do mosteiro, que tivemos presentes, nada consta a este respeito; achámos, porém, na *Gazeta dos Tribunaes*, n.º 220 (1843) o seguinte, sob a epigrapha *Bastardos, em que se fizeram casas, e outros que as fundaram*: — «D. Jorge de Mello, bispo da Guarda, teve bastardo D. Antonio de Mello, avô por varonia dos Mellos dos Paulistas, e rua de Santo Antonio em Lisboa.»

III

Determinára, a principio, edificar o mosteiro nas celebres ruínas da antiga Medobriga, mais conhecida hoje pelo nome de Aremenha¹; desistiu, porém, do intento pela insalubridade d'este formoso valle. Humido, e mal ventilado, cercavam-no por todos os lados asperas serras, avultando entre ellas o Herminio menor.²

Parece, que no logar denominado *Provincia*, e pelos antigos *Valle de Flores*, a distancia de uma legua da cidade para o norte, chegára, tambem, a lançar os fundamentos ao novo edificio; mas razões eguaes ás que o dissuadiram da fundação em Aremenha, o obrigaram a desistir da obra na Provincia.³

Assentou-a, definitivamente, no alto da Fontedeira, onde permanece ao presente, sitio agradável, sadio, proximo da cidade, e doado generosamente para esse fim pela camara municipal.

(Continúa)

F. A. R. DE GUSMÃO.

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS AMERICANISTAS

La Revue Scientifique, de 13 d'outubro ultimo, dá-nos noticia da segunda sessão d'este Congresso, celebrada este anno no Luxembourg. A sua primeira sessão foi em Nancy, em 1875; e deverá ter a terceira em Bruxellas, em 1879.

A conta dada pelo jornal a que me refiro, resente-se de certo espirito de polemica, que mais ou menos manifestamente, se vislumbra sempre nos escriptos de alguns sabios que tractam de questões prehistoricas. Para estes, a sciencia não pôde marchar sem acotovelar a religião. Os estudos prehistoricos parecem então encaminhados, ou explicados, n'um sentido de propaganda antireligiosa. E quando a anthropologia e a ethnologia, podem ser pretexto para qualquer cheque ás crenças, sobre a origem ou a unidade da especie humana, não se perde o ensejo para alguma insinuação menos benevola, em referencia aos principios religiosos. Entendo que nunca a boa logica, nem a tolerancia entre homens de letras, poderão approvar tal methodo d'estudo ou de ensino. A sciencia pôde marchar livremente pelo seu caminho, sem se enredar pelas crenças religiosas, sejam éstas quaes forem. São diversos os fins. A cada um o que for seu. Deixemos a resolução de certas difficuldades, a quem alguma vez possa competir levantar-as, para diligenciar concordar-as; ou para quando poderem ser resolvidas. Tão inconsequente me pareceria hoje, querer explicar a sciencia natural pela erudição theologica; como prematuro querer oppôr ao milagre, que se socorre ao estabelecimento e constancia das leis naturaes, meros raciocinios, fundados apenas no estado vacillante a que a sciencia por ora attinge.

¹ Sobre Medobriga e Aremenha, vejamos os *Apontamentos Archeologicos*, que publicámos no BOLETIM da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 2.ª serie, t. I, a pag. 25, 45, 70 e 152, dos numeros 2, 3, 5, e 10.

² Os nossos antigos chamavam á serra da Estrella *Monte Herminio Maior*, e á serra de Marvão *Monte Herminio Menor*.

³ Na Provincia residia D. Helena de Mesquita, quando se lavrou o instrumento, a que nos referimos.

Por outro lado, não posso ainda comprehender o interesse moral, que poderá resultar para a sociedade, de adrede lhe destruir a fé...

La Revue Scientifique, a proposito dos Congressos Americanistas, apóda de *robinsonades*, de *chinoiseries*, de *donquichotismo*, todas as opiniões dos que pretendem povoar a America com gentes do chamado antigo-mundo. Para a *Revue*, os americanos são puramente *authoclonos*, em todo o rigoroso sentido da palavra (simples *moscas volterianas*, que assim nos zumbem por taes escriptos). Mas o sr. Quatrefages, que é mestre, e mestre muito auctorisado n'este assumpto, ha mais de vinte annos, pensa que o homem, quaternario da America e terciario da Europa, distingue-se dos outros animaes, por crer n'um Ente Supremo, e n'uma prolongação da existencia depois da morte. E o sr. Quatrefages tem sempre ensinado a estes seus discipulos rebeldes, a *unidade* da especie humana; a qual tão esplendidamente acaba de sustentar na sua admiravel obra — *L'espece humaine*. (1877).

Deixando porém hoje este ponto, em que mais detidamente terei de fallar, *La Revue Scientifique*, diz, que o sr. Leemans, um dos mais eminentes egyptologos da Europa, apresentára ao Congresso Americanista de Luxembourg, uma serie de desenhos representando antiguidades mexicanas, yucatecenses, columbianas, e quichuas. Entre estes monumentos preciosos, que muito interessaram a assembléa, notou-se uma pedra de forma oval furada com dois buracos, tendo gravada n'uma das faces a imagem de certo personagem, pisando um homeminho estendido a seus pés: na outra face, está gravada uma inscripção de onze linhas, em caracteres hieroglyphicos lineares; o que torna este monumento de um valor inapreciavel. O grande Humboldt havia negado que a escriptura fosse conhecida no novo-mundo, antes dos hispanhoes la terem ido. Mas a sciencia tem adquirido hoje as provas do contrario. E seria sufficiente, que o Congresso de Luxembourg tivesse dado ensejo ao sr. Leemans de tornar publica a descoberta d'este monumento, para que esta reunião dos Americanistas merecesse ser applaudida por todos os archeologos e estudiosos.

O sr. Leemans auctorisou o sr. Rosny, a publicar este novo monumento hieroglyphico Maya; que dentro em pouco, poderá ser examinado por todos os sabios e curiosos do mundo. E a paleographia yucatecense terá assim occasião de ir dilatando, ainda que lentamente, mas com segurança, o campo das suas investigações pela epigraphia das differentes regiões da America.

O sr. Madier de Montjeu tambem apresentou ao Congresso uma Memoria, fundamentada sobre elementos fornecidos por antigos auctores hispanhoes, dos quaes póde inferir-se que a escriptura *propriamente ditto*, era usada não so pela zona isthmica da America-central, mas por muitos outros pontos do Novo-mundo ante-colombiano.

O sr. Jules Pipart (abbé) dirigin ao Congresso um Ensaio de leitura das pinturas didacticas dos Aztecas, com muitas observações paleographicas e philologicas.

O sr. Léon de Rosny annunciou alguns resultados novos dos seus estudos, relativos á decifração dos textos hieraticos da America-central. E apresentou um quadro dos monumentos esculpturaes de Palanqué, de Chiapás, e em especial de Chichenitza, que

o sr. Rosny considera como o mais antigo foco da admiravel civilisação da região do isthmo, e póde ser que do antigo Mexico.

Foram tambem apresentados ao Congresso varios documentos, sobre as relações dos Islandezes e dos Normandos com a America precolombiana. E o sr. Beauvois tractou das primeiras colonias europeas no Markland (Nova-Escocia); visitada pelos navegadores scandinavos desde o anno de 986, e pelos Islandezes da Groenlandia desde o anno 1000. E sustentou, que uma parte septentrional da America teve civilisação europea, já desenvolvida no seculo xiv, e cujos vestigios ainda se encontraram tres seculos depois.

O sr. Guimet interessou muito o auditorio com a narração das suas ultimas viagens; e com as suas variadas observações sobre a edade da pedra na America. E o sr. Schmidt alegrou as muitas senhoras, que formavam parte do mesmo auditorio, mostrando, como era possivel com instrumentos de pedra, trabalhar a madeira, fazer flexas ean zoes, para caçar e pescar, e cozer o panno com agulhas de pedra.

S. V.

FRAGMENTO DE LÁPIDA SEPULCRAL ARÁBIGA

DESCUBIERTO EN MÉRTOLA¹

CARTA

AL

EXCMO. SR. JOAQUIM P. NARCISO DA SILVA

Mi estimado señor y respetable amigo: no hace mucho tiempo, que en uno de los últimos números de la Revista española publicada en Madrid bajo el titulo de *La Academia*², apareció un artículo del reputado orientalista y académico de la Historia, Excmo. Sr. D. Eduardo de Saavedra, en el cual, sirviéndose del diseño dado á luz en el número 12³ del *Boletim architectonico e de archeologia* de la Real Asociacion, de que es Vd. dignísimo Presidente, se proponia el estudio del fragmento epigráfico de Mértola, ensayando su traduccion en primer término.

No ocultaré á Vd. la extrañeza que me produjo esta novedad, quando, como á Vd. consta, ya en Noviembre del pasado año de 1876 habia yo dado á conocer el referido epigrafe en la *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*; y lo que mas hubo de extrañarme, fué, á la verdad, el silencio que guar-

¹ Véase el número 12 de la segunda série de este *Boletim*, págs. 192 y 193.

² Número 21 del tomo I, correspondiente al 27 de mayo último.

³ A epigraphie de que se tracta, é a que se vê na nossa estampa n.º 17, publicada com o n.º 11 do BOLETIM, t. I, da presente serie.

(Da R.)

daba el Sr. Saavedra respecto de aquel mi trabajo, inclinándose esta circunstancia á creer, que aun no habia Vd. dispuesto la insercion en este *Boletim* de la traduccion que le remití al efecto, respondiendo gustosísimo á los deseos manifestados por Vd., al enviarme el dibujo de la mencionada lápida, en Setiembre del año referido.

Tal extrañeza sin embargo, ha desaparecido por completo, cuando, al venir ahora á Lisboa, he visto en la *Bibliotheca Nacional* y despues en el número que ha tenido Vd. la bondad de mandarme, así el grabado del fragmento epigráfico á que aludo, como las honrosísimas líneas con que encabeza la traduccion que Vd. supuso ser de dicho fragmento meritolense. El silencio guardado respecto de mi por el Sr. Saavedra, en su artículo de *La Academia*, era una galantería que hoy le agradezco en el alma, por más que no sea en realidad acreedor á ella, en la interpretacion del epígrafe de Mértola.

Como quiera que, por desdicha, no es en Portugal tan frecuente el hallazgo de lápidas é inscripciones arábicas como en España, y careciendo, como carece, de fecha el fragmento aludido, juzgué no del todo inoportuno para mi propósito, el determinar por medio de un ejemplo, así la naturaleza del epígrafe cual la época á que podia atribuirse, sin grave error ni peligro. Brindábame Almería con muy estimable coleccion de lápidas arábicas sepulcrales, que posee en su *Gabinete* mi distinguido amigo el Sr. D. José de Medina, y hallando relacion muy íntima entre ellas y la de Mértola, atrevíme á presentar en el artículo que publicó la *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* un modelo, concebido en los términos que constan en la pág. 193 del primer volumen de este *Boletim*, modelo que, sin duda por no haberme yo explicado con toda claridad, tomó Vd. por la trascripcion y traduccion de la lápida de Mértola.

El Sr. Saavedra, á no dudar, atribuyéndome el error, y procediendo galante y bondadosamente conmigo — al notar las diferencias, que, naturalmente, existen entre el modelo, tomado de una lápida cualquiera de las muchas que copié en Almería el año de 1875, y el diseño del epígrafe de Mértola, y no curándose de ver mi estudio en la *Revista de Archivos*, estimó prudente el hacer caso omiso de mi trabajo y de mi persona, ensayando por su parte la trascripcion de dicho epígrafe. No tengo á la mano ni el número de *La Academia*, en que se insertó el trabajo del Sr. Saavedra, ni los de la *Revista de Archivos*, en que se publicó el mio, razon por la cual me limitaré en las presentes líneas á trascribir la interpretacion del fragmento de Mértola, no sin hacer antes constar que léjos de haber correspondido á una *Mezquita*, cual supone el docto académico de la Historia, es una lápida meramente

sepulcral,¹ cuyas inscripciones, segun acredita el modelo de Almería, son vulgares en este linage de monumentos funerarios, como consagradas en ellos por el uso.

Dice, pues, el fragmento de Mértola, con arreglo al modelo general que ofrecen otras muchas en España, durante el siglo vi de la Hégira, y conforme á la explicacion inserta en el número 12 de este *BOLETIM*:

C

كفروا وجاعل الذين اتبعوك

A

بسم الله الرحمن الرحيم
صلى الله على محمد واله

B

يا ايها
الناس ان وعد الله
حق فلا تغرتكم الحياة
الدنيا ولا يغرتكم با...
...[لله الغرور ان الله عنده
[علم الساعة وينزل الغيث
[ويعلم ما في الارحام وما تد...
...ري نفس ما ذا تكسب عد...
...[أ] وما تدرى نفس بأني ارض
تموت ان الله مليم خبير
هذا قبر...
...
...توفي...
...رحمه الله

¹ A versão, e o juizo do sr. E. Saavedra, a que se refere ésta carta, constam do n.º 21 t. 1, pag. 324 do jornal hispanhol: *La Academia*; e são os seguintes:

TRADUÇÃO

« En el nombre de Dios, piadoso, misericordioso.
O gentes! ciertamente la promesa de Dios es verdadera: no os engañe, pues, la vida del mundo, ni os engañe respecto de Dios el Engañador (el diablo).
En verdad, Dios conoce la hora y hace descender la lluvia y sabe lo que los úteros contienen; mas nadie sabe lo que merecerá mañana, ni el país en que morirá; porque Dios es el sabedor y conocedor.
Dios! No hay divinidad sino El, el vivo, el permanente; no le cojen sopor ni sueño; suyo es cuanto hay en los cielos y en la tierra; quien intercederá con El sin su beneplácito? Conoce cuanto hay delante y detrás de todos, sin que alcancen de su ciencia sino lo que quiere.»

JUIZO

« Tanto la forma como el contenido del pequeño monumento dan á entender que fué un *mihrab*, ó sea la ventana real ó

Cuya traduccion española es la siguiente :

A

En el nombre de Alláh el Clemente el Misericordioso :
la bendición de Alláh (sea) sobre Mahoma y los suyos.

B

¡Oh vosotros
hombres! (Creed) que las promesas de Alláh (son)

ciertas, y no os dejéis arrastar por los placeres
del mundo, ni os apartéis de A...
...(llá)h por los engaños (de la carne)! Porque ciertamente en Alláh
(está el cono)cimiento de la hora (de la muerte) y envió la lluvia;
y (sa)be lo que se oculta en las entrañas (de los hombres), y no sa...
...be nadie lo que alcanzará mañana,
ni en que lugar de la tierra

morirá: que Alláh es sabio, conocedor de todo.¹
Este (es) el sepulcro de
.....
..... murió,
(apiádesse de él Alláh)

simulada, que en las mezquitas mahometanas señala el lugar
á donde se han de volver en sus preces los creyentes. El ca-
racter de la letra es bastante severo para poderlo atribuir á
los últimos tiempos del Califato, ó poco despues. Una mez-
quita pequeña de Mertola tendria por *mihrab* la elegante pie-
dra que el Boletim publica, y que si no dá a conocer nin-
gun hecho historico, denuncia la existencia positiva de un
lugar de oracion de los musulmanes del Andalus, probable-
mente en el sitio mismo donde pareciera esta antigualla.*
(Da R.)

¹ Korán, sura xxxi, aleyas 33 y 34.

C

..... de la luna... el ano..... y quinientos.....

C'

..... no creen y coloca á aquellos que te sigan

C''

sobre los que—no creen, hasta el día de la resurreccion. Despues á
mi—vendreis y conoceré.... etc.²

Por lo demás, mi estimado señor, este fragmento
de lápida sepulcral, corresponde sin género alguno
de duda, al siglo vi de la Hégira (xii J. C.)

Hecha esta aclaracion, que ruego á Vd. me dis-
pense el obsequio de insertar en el acreditado *Bo-
letim* de la *Real Associação dos architectos civis e
archeologos portugueses*, sólo me resta dar á Vd.
muchas y repetidas gracias, por la honra que me
ha dispensado, al incluir mi nombre en la lista de
los doctísimos individuos de dicha *Associação* y por
la de distinguirme con su amistad, quedando entre
tanto y como siempre, suyo atento seguro servidor
y amigo,

Q. B. S. M.

Cascaes, 1.º de agosto
de 1877.

RODRIGO AMADOR DE LOS RIOS.

² *Id.* Sura iii, aleya 48. Esta aleya se expresa en estos
términos: «Despues dijo Alláh: Oh Jesús! Yo soy quien te
dá la muerte, quien te eleva hasta mí, te libra de los que
no creen y coloca á los que te sigan sobre aquellos que no
creen, hasta el día del juicio final. Despues á mi vendreis y
conoceré entre vosotros lo que hay de diferencias.»

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na noite de 31 d'outubro, ultimo, reuniu-se a
assembléa geral da nossa Associação. Além dos tra-
balhos do estylo, foi approvado o desenho previa-
mente discutido e adoptado pelo Conselho Faculta-
tivo, da Medalha: *distinctivo* dos membros da nossa
Associação. Lançou-se na Acta um voto unanime de
sentimento, pelo falecimento do nosso grande histo-
riador Alexandre Herculano. E foram approvados
para socios effectivos: os srs. conego Augusto Antonio
Teixeira, José Silvestre Ribeiro, José Tedeschy,
Luciano Cordeiro, e Henrique Guilherme Thomaz
Blanc; para socios correspondentes: os srs. Simão
Rodrigues Ferreira, de Penafiel, e Domingos José dos
Santos, de Barcellos.

Por convite do sr. Presidente, reuniu-se a secção
d'Archeologia em 13 d'outubro, ultimo, para res-
ponder ao governo de Sua Magestade, ácerca de um

officio, e desenho d'uma lapide encontrada n'um des-
aterro do districto de Vizeu; remettidos pelo sr. mi-
nistro das Obras publicas á nossa Associação, para
que consultasse o que a tal respeito entendesse. O
parecer da secção foi dentro em pouco apresentado,
e remettido ao sr. ministro.

Entraram para o nosso Museu diversos objectos
archeologicos, enviados de diferentes pontos do
reino.

Recebeu-se um *Relatorio* da Sociedade Central
dos Architectos de Paris.

Recebeu-se o *Relatorio-annual* da Sociedade Ar-
cheologica de Athenas.

Recebeu-se o *Boletim* da Sociedade dos Archi-
tectos do Departamento do Norte (França).

Receberam-se todos os numeros de janeiro a Julho do corrente anno, do interessante jornal italiano: *Notizie degli scavi di antichità comunicate alla R. Accademia Lincei per ordine di S. E. il Ministro della Pubbl. istruzione.*

Recebeu-se o tomo v dos *Annales de la Société academique d'Architecture de Lyon.*

Receberam-se os n.^{os} 1 a 5 do apreciavel jornal *Museu technologico.*

Recebeu-se o 2.^o vol. da importante obra do nosso socio, o sr. Teixeira Aragão: *Descrição geral das moedas cunhadas em Portugal.*

Tem sido recebidos todos os jornaes estrangeiros, que a nossa Associação costuma regularmente receber, e dos quaes temos indicado os titulos por diferentes vezes no nosso BOLETIM, até 6 do corrente mez de dezembro de 1877.

Foram offerecidos para o nosso Museu, pelo sr. conego Teixeira, dois machados de bronze da epocha prehistorica, encontrados na Beira-alta, n'um sitio que parece ter sido alguma estancia da idade do bronze.

Foi offerecido pelo nosso socio o sr. general Azevedo, para o nosso Museu, a planta geohydrographica da ilha de Porto-Santo; primeira d'uma serie de plantas das nossas ilhas, que o sr. Azevedo vae publicar.

Foram offerecidos para o nosso Museu, pelo nosso consocio o sr. Martins Sarmento, mais vinte e seis photographias de varias antigualhas encontradas nas excavações de Citania e de Sabroso.

Foi offerecido para o Museu da nossa Associação, pelo sr. Tiburcio Ferreira, a Medalha commemorativa da inauguração do monumento de Camões, em Lisboa, na praça do mesmo nome.

Foi offerecida á nossa Associação, pelo nosso socio correspondente o sr. Charles Lucas, a sua ultima publicação: *Découvertes récentes faites dans le forum romain.*

A Camara municipal resolveu emfim, que se procedesse ao desaterro do entulho accumulado ha annos, pelas ruinas do venerando monumento nacional e artistico, séde da nossa Associação, e onde está estabelecido o nosso Museu. Este trabalho está em

execução desde outubro ultimo. Fallaremos opportunamente a esse respeito.

O Diploma que a nossa Associação acaba de receber do Jury da Exposição internacional de Philadelphia, diz o seguinte:

«INTERNATIONAL EXHIBITION. Phidelpia, 1876. The United States Centennial Commission has examined the report of the judges, and decreed an award in conformity therewith (Philadelphia, may 2.^o 1877). Report on awards. — Publications — Royal Association of the Portuguese Architects and Archeologists — Lisbon — *The journal of the Society exhibits great activity on the part of Members — it contains many valuable Memoirs and is illustrated in good style.* Being the first institution of the kind in Portugal it is worthy of commendation. The medal for awards by the Society, designed by the Chev. J. da Silva its founder, possesses great artistic merit. J. E. Hilgard. Approval of Group Judges: A. K. Oliver, F. A. P. Bernard, E. Favre Perret, J. Schredwayer, James C. Waltson, Geo H. Bistow. Francis Awalken.»

EXPOSITION INTERNATIONALE DE 1878

Exposition des Sciences Anthropologiques

Un arrêté du Ministre de l'agriculture et du commerce, en date du 29 mars dernier, a décidé qu'une Exposition des sciences anthropologiques serait ouverte dans les locaux de l'Exposition universelle internationale, du 1.^{er} mai 1878 au 31 octobre suivant, et a confié les soins d'organisation et d'installation de cette Exposition à la Société d'anthropologie.

Voici le règlement de cette Exposition:

RÈGLEMENT

ART. 1.^{er} — L'Exposition des sciences anthropologiques aura lieu dans la galerie à deux étages qui entoure le pavillon central de l'édifice construit au Trocadéro.

De plus, une galerie de sépultures depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, sera organisée par les soins de la Commission des sciences anthropologiques dans les cryptes qui se trouvent sous l'aile gauche de l'édifice vu du côté des jardins.

ART. 2. — Les galeries seront parfaitement closes. L'Administration prendra toutes les mesures nécessaires pour en assurer la garde.

Il n'y sera allumé aucun feu, ni conservé aucune caisse d'emballage ou autres matières inflammables.

ART. 3. — La Commission nommée par la Société d'anthropologie est chargée de la réception et du classement des objets envoyés.

Pour les étrangers, elle se mettra par l'intermédiaire du Commissariat Général en rapport avec les Commissions de chaque nation.

ART. 4. — Le classement aura lieu d'après l'ordre

scientifique. Toutefois les collections d'un même exposant seront divisées le moins possible.

On cherchera de même à grouper les collections de chaque nation.

ART. 4. — Tous les frais de déballage, de vitrine, d'installation et de réemballage seront supportés par l'Administration, que les objets viennent de France ou de l'Etranger.

ART. 6. — L'Administration prendra à sa charge la dépense de transport, aller et retour, pour les objets dont le lieu d'expédition est en France, toutes les fois que la demande en aura été faite par les exposants et aura été agréée par le Commissaire Général.

ART. 7. — Chaque colis venant de France devra porter les marques suivantes :

1° Les lettres E. U. (exposition universelle) entourées d'un cercle ;

2° Au-dessous des lettres E. U., l'inscription *sciences anthropologiques* ;

3° Le nom du propriétaire.

Deux étiquettes d'un modèle spécial seront collées chacune sur une face différente du colis. Ces étiquettes seront envoyées aux exposants qui les auront réclamées par lettre à M. de Mortillet (château de Saint-Germain, Seine-et-Oise). Elles serviront d'adresses pour l'expédition des colis aux galeries du Trocadéro à Paris.

ART. 8. — Les Etrangers devront faire parvenir leurs colis par l'intermédiaire de leur Commission nationale. Ces colis satisferont en outre à toutes les prescriptions ci-dessus indiquées.

ART. 9. — Chaque envoi, français ou étranger, devra être accompagné d'une note donnant l'inventaire, la provenance et la valeur des objets qui le composent.

ART. 10. — Les caisses contenant les objets destinés à l'Exposition des sciences anthropologiques seront transportées dans les galeries affectées à cette exposition, et y seront ouvertes par les soins de la Commission, en présence du propriétaire ou de son représentant.

L'inventaire sera vérifié, rectifié au besoin et signé.

Quant au prix indiqué, en cas d'exagération, la Commission se réserve de le réduire ou de refuser l'objet où la collection.

ART. 11. — Le nom et la nationalité de l'exposant seront toujours indiqués en regard des objets qui lui appartiennent. Ils seront reproduits dans le *Catalogue*.

ART. 12. — Pendant tout le temps de l'Exposition, du 1^{er} mai 1878 au 31 octobre suivant, aucun objet ne pourra être retiré sans une autorisation spéciale du Sénateur Commissaire Général.

ART. 13. — Les dessins et reproductions des objets exposés ne pourront se faire qu'avec l'autorisation formelle du propriétaire.

ART. 14. — Outre les indications sommaires dans le *Catalogue général* de l'Exposition, il sera dressé un *Catalogue* spécial des sciences anthropologiques dans un ordre méthodique, terminé par la table des exposants et celle des nationalités.

ART. 15. — Le réemballage et le renvoi des objets exposés seront surveillés avec le plus grand soin par la Commission.

Ils auront lieu dans le plus bref délai, après le 31 octobre, jour de la clôture.

(Extrait du *Journal officiel*, 24 août 1877.)

EXPOSITION INTERNATIONALE DE 1878

Exposition des Sciences Anthropologiques

La Commission l'Exposition internationale des sciences anthropologiques se compose de Messieurs :

Président : de Quatrefages, membre de l'Institut, professeur d'anthropologie au Muséum d'histoire naturelle, ancien président de la Société ;

Vice-présidents : Paul Broca, professeur à la Faculté et membre de l'Académie de médecine, directeur des Cours d'anthropologie, secrétaire général de la Société ; Henri Martin, Sénateur, membre de l'Institut ;

Secrétaire général : Gabriel de Mortillet, professeur d'archéologie préhistorique, ancien président de la Société, fondateur des Congrès internationaux d'archéologie et d'anthropologie ;

Secrétaires : Docteur Paul Topinard, professeur d'anthropologie biologique, conservateur des collections de la Société ; Girard de Rialle, secrétaire de la Société ;

Membres résidant à Paris : Docteur Bertillon, professeur de démographie et de géographie médicale, ancien président de la Société ; Henri Cernuschi, publiciste ; docteur Dureau, bibliothécaire adjoint de l'Académie de médecine, archiviste de la Société ; Abel Hovelacque, professeur d'anthropologie linguistique, secrétaire du Comité central de la Société ; Louis Leguay, architecte, trésorier de la Société ; docteur de Ranse, président de la Société, rédacteur en chef de la *Gazette médicale de Paris* ; Wilson, ancien député.

Membres ne résidant pas à Paris : Emile Cartailhac, directeur des *Matériaux pour l'histoire de l'homme*, Toulouse (Haute-Garonne) ; Cazalis de Fondouce, secrétaire des Congrès internationaux d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, Montpellier (Hérault) ; Ernest Chantre, secrétaire des Congrès internationaux d'anthropologie préhistoriques, Lyon (Rhône) ; J. Cotteau, ancien président de la Société géologique de France, Auxerre (Yonne) ; général Faidherbe, ancien gouverneur du Sénégal et commandant de la province de Constantine, ancien président de la Société d'anthropologie, Lille (Nord) ; Emile Guimet, Lyon (Rhône) ; Elie Massénat, Brive (Corrèze) ; docteur Prunières, vice-président de la section d'anthropologie de l'Association française pour l'avancement des sciences, Marvejols (Lozère) ; Julien Vinson, Bayonne (Basses-Pyrénées).

Pour activer le travail, tout en le complétant autant que possible, la Commission a délégué d'une manière spéciale Messieurs :

Docteur Broca, rue des Saints-Pères, 1, Paris, pour ce qui concerne les *Sociétés d'Anthropologie* ;

Docteur de Ranse, place Saint-Michel, 4, Paris, pour l'*Enseignement anthropologique* ;

Docteur Topinard, rue de Rennes, 97, Paris, pour l'*Anthropologie générale et la craniologie* ;

Gabriel de Mortillet, au château de Saint-Germain-en-Laye (Seine-et-Oise), pour l'*Archeologie et l'anthropologie préhistoriques* ;

Girard de Rialle, rue de Clichy, 64, Paris, pour l'*Ethnographie de l'Europe* ;

Abel Hovelacque, rue de l'Université, 35, Paris, pour l'*Anthropologie linguistique* ;

Docteur Dureau, rue de la Tour-d'Auvergne, 16, Paris, pour la *Bibliographie*.

Docteur Bertillon, rue Monsieur-le-Prince, 20, Paris, pour la *Démographie, ou étude statistique de population, et la Géographie médicale*;

Louis Leguay, rue de la Sainte-Chapelle, 3, Paris, pour tout ce qui concerne l'*Aménagement et les dispositions générales*.

Pour chacune des parties signalées ci-dessus les exposants sont invités à se mettre en rapport de préférence avec le délégué spécial, et cela dans le plus bref délai.

Les exposants seront avisés, en temps utile, de l'époque ou devront se faire les envois.

Il a été décidé à Budapest que le Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistorique n'aurait lieu qu'en 1879. Pourtant comme il serait très-fâcheux de ne pas tirer le plus grand parti possible de l'Exposition universelle et de la visite des savants de toutes nations, la Société d'anthropologie a décidé d'organiser des Séances plénières internationales des sciences anthropologiques. Ces séances seront échelonnées régulièrement pendant la durée de l'Exposition pour permettre à tous les visiteurs d'y prendre part. Les travaux communiqués et les discussions seront publiés et formeront un ouvrage spécial.

Le Président
DE QUATREFAGES.

Le Secrétaire général
G. DE MORTILLET.

A proposito d'esta Exposição, e programma, recebeu-se na nossa Associação a seguinte circular:

MONSIEUR. — La commission chargée d'organiser une exposition des Sciences Anthropologiques a reconnu l'importance de diverses parties. Elle a demandé à plusieurs de ses membres de s'occuper spécialement de leur représentation.

Ainsi je dois me mettre en rapport avec les personnes et les musées ou sociétés qui possèdent les résultats des fouilles entreprises dans les monuments dits dolmens, cromlechs, allées couvertes etc. et dans certaines grottes sépulcrales contemporaines.

Vous savez, Monsieur, le nombre et l'intérêt des questions soulevées par ces vestiges qui se retrouvent sur une vaste étendue de l'ancien monde. Elles seraient en général élucidées par l'exposition, le rapprochement, la comparaison des ossements, des

meubles funéraires accompagnés de vues, dessins et photographies, plans en relief et autres, des monuments eux mêmes. Quel que soit le mérite des publications consacrées à cet étude (et que nous désirons réunir aussi) rien ne remplace la vue des objets; les sciences naturelles font constamment l'expérience de ce fait.

Je suis chargé de vous demander, avec votre adhésion immédiate, une liste approximative de la série qu'il vous plaira d'exposer avec un aperçu de l'espace qu'elle exige. Inutile d'ajouter que cette exposition ayant lieu au palais du Trocadéro, l'administration se charge de tous les frais. Je vous adresse d'ailleurs le règlement officiel.

L'exposition des Sciences Anthropologiques sera d'autant plus importante qu'elle doit coïncider avec des séances dites plénières d'Anthropologie et de Paléothnologie, auxquelles tous les savants étrangers et français sont conviés.

Persuadé, Monsieur, que vous désirez comme nous servir les intérêts de la science dans une occasion absolument exceptionnelle, je vous prie d'agréer l'assurance de ma considération la plus distinguée.

ÉMILE CARTAILHAC.

Depois accrescentava o sr. Cartailhac, escripto pela sua mão, e dirigindo-se ao presidente da nossa Associação, o que se segue:

« MON CHER CONFRERE — En vous remerciant de votre collaboration à ma Revue *Les nouvelles archéologiques* et de l'envoi de la livraison 3 du *Boletim de Architectura e de Archeologia*; je viens appeler toute votre attention sur nos projets. Je vous prie au nom de M. de Quatrefages et de la Commission, de faire en sorte que le Portugal soit représenté dans notre exposition internationale. Les règlements généraux exigent que les exposants étrangers s'adressent à nous — pour l'expédition — par l'entremise des Commissions de leur patrie. Mais en exposant dans le Palais du Trocadéro ils ne diminuent pas la part attribuée à leur nation dans l'exposition universelle proprement dite.

Ayez la bonté de communiquer ma lettre soit à Ta Société Royale des Architects et d'archéologie, soit aux Directeurs de musées, soit aux collectionneurs privés.

Votre bien dévoué confrère.

ÉMILE CARTAILHAC.»

NOTICIARIO

A ponte do nosso caminho de ferro do Norte, inaugurada no dia 4 d'este mez (novembro), sobre o Douro, é um trabalho até hoje *unico* no seu genero. O projecto dos srs. Eiffel & Companhia, pareceu tão audacioso em suas proporções, que a Empresa julgou dever submittel-o ao juizo de tres engenheiros dos mais eminentes, os srs. Krantz, Molinos e de Dion. Nenhumas fórmulas exactas se conhecem, para calcular os esforços a que tinham

de ser submittidas peças metalicas tão importantes como as d'esta ponte. Os julgadores tiveram de estudar o methodo de achar certas formulas, o mais rigorosamente exactas que possivel fosse: e a serie dos seus theoremas, é um modelo d'analyse mathematica. Mas para prevenir qualquer engano, o sr. de Dion teve ainda arte de imaginar, parallelamente ao calculo, um methodo de construcção graphica, que permittisse determinar com extremo rigor, os momentos de flexão, e as deformações, em qualquer logar da ponte. Os dois methodos verificando-se um ao outro, deram resultados concordes, que devem

inspirar a maior confiança. Os julgadores aconselharam algumas modificações, que foram de boa mente adoptadas. A concepção de um arco, em fôrma de crescente, elegante e arrojado, e o modo dos seus fundamentos, constituem as principaes innovações d'esta ponte; e asseguram á sua construção a maior rigidez contra todas as causas de deformações, e a resistencia necessaria contra todos os esforços produzidos na passagem dos trens.

O ministro da instrucção publica em França, sobre consulta do Director das Bellas-Artes, resolveu, em outubro último, que se estabelecesse no museu de Versailles uma galeria de retratos ou bustos, das celebridades francezas contemporaneas, tanto militares como civis de todas as especies: estadistas, eruditos, escriptores, artistas, inventores, etc. A creação d'uma galeria historica nacional d'esta natureza, entre nós, seria não só homenagem ás glorias portuguezas, mas tambem um dos meios mais efficazes (dos que em Portugal em extremo se carecem), para animar os nossos artistas, recompensar-lhes os esforços, e excitar a arte que parece querer extinguir-se aqui; onde aliás campeiam o luxo, e os gastos de muita especie, que nem sempre são os de melhor gosto, e são ás vezes de pernicioso exemplo.

O governo italiano está desenvolvendo a maior energia, na solicitude de descobrir estatuas antigas por toda a peninsula, em qualquer parte que haja probabilidade de encontral-as. Todos os mezes são enviadas ao director do Museu nacional, minuciosas informações, e conta das pesquisas e excavações que se praticam. O mesmo governo mandou tambem proceder á exploração do territorio onde foi situada a antiga cidade de Catania, na Sicilia, ao pé do Etna, fundada pelos gregos mais de setecentos annos antes da era vulgar; e desde então muitas vezes destruida e reedificada.

Parece que o Museu Britanico, está tractando na China, da compra da maior obra litteraria que existe no mundo, e de que restam apenas mui poucos exemplares: é o *Kin ting Koo Kin too shoo tseih ching* (Collecção imperial illustrada da Litteratura antiga e moderna). Consta de 6:100 volumes, e data dos fins do seculo decimo-setimo. Foi mandada colligir e imprimir pelo imperador, então reinante; e é uma compilação de todas as obras nacionaes de litteratura.

Os Estados-Unidos desejam possuir tambem, como a Inglaterra, um obelisco egypcio. Diz-se que fôra comprado pelos americanos, o unico obelisco que existe em pé na Alexandria. Este obelisco foi originalmente levantado por Thotmés III.

D'accordo com M. A. O. Lambert, o capitão James Eads concluiu os planos de uma ponte quasi toda de ferro, em Constantinopola, sobre o Bosphoro, que ligará a Europa com a Asia. O taboleiro terá 30 metros de largura, e 1:800 metros de comprimento. A altura acima do mar, será de 36 metros. A maior difficuldade para a construção dos pilares, provirá da corrente d'agua, que é fortissima. O leito do Bos-

phoro apresenta 1 metro de vasa d'alluvião sobre 4^m,50 de residuos d'areia; so por baixo se encontra rocha solida. A despeza está orçada em 22.500:000\$000 em razão da barateza da mão de obra nas margens do Bosphoro.

O jornal inglez *The Academy*, diz-nos que o sr. Reginald Stuart Poole, abriu uma serie de leituras publicas no collegio de *Queen square*, sobre o antigo Egypto: origem da sua historia, importancia dos documentos alexandrinos, e em especial de Manethon; considerações sobre as historias de Herodoto nos pontos concernentes ao Egypto; e sobre a antiguidade e exactidão dos archivos hebraicos, testemunhados pelos monumentos egypcios: descripção d'estes monumentos, e da escriptura hieroglyphica e demotica, com a historia da sua interpretação, etc. Este curso está sendo constantemente seguido, por grande número de ouvintes dos *dois sexos*. Foi principalmente por esta circumstancia, que achámos interessante esta noticia. Qual seria o número continuado de ouvintes, que teria entre nós, d'um ou de ambos os sexos, um professor d'egyptologia? Nenhum dos nossos eruditos terá a coragem de experimental-o? As conferencias, que respeitam á Africa, e que tão brilhantemente se estão fazendo na Academia Real das Sciencias, seriam comtudo um bello exemplo, e animador, para ser imitado.

Como os nossos leitores ja saberão, o famoso obelisco de Cleopatra, que os inglezes transportavam do Egypto, para Inglaterra, em uma especie de pontão, a reboque, foi abandonado a 130 milhas ao NO. do cabo de Finisterra, a 13 do mez passado (outubro), em consequencia de fortes temporaes n'aquella altura. Mas o vapor *Glucaurice*, conseguiu tomar depois o obelisco, e entrou com elle no Ferrol a 17. Hoje acha-se em Inglaterra, depois da sua trabalhosa viagem; e discute-se agora, o que parece que ha muito tempo devêra estar discutido: o sitio onde collocar-o em Londres. Não sei se n'esta cidade domina a monomania, que entre nós se nota, de querermos collocar todos os nossos monumentos, e edificações publicas, nas proximidades ou no lodo do Tejo; o caso é, que voga muito a idéa de levantarem o obelisco proximo do Tamisa, entre o Parlamento e a Abbadia de Westminster. Felizmente, o architecto Cooke, n'uma correspondencia inserta no jornal *O Architecto*, lembra o parque de S. James, em local fronteiro ao Arco dos *Horses-Guard*, fazendo-lhe como que fundo o palacio de Buckingham. Alli ficaria decerto mais desafogada a colossal reliquia dos Pharaós, e seria melhor gosado o monumento; circumstancias que tambem entre nós se não consideram, erigindo-se monumentos em pequenas areas, cercadas de casaria, sem horisontes, etc.

O sr. Vasconcellos e Abreu, ultimamente nomeado professor do curso superior de letras, abriu as suas lições de sanscrito nas salas da Academia Real das Sciencias nas terças, quintas, e sabbados pela manhã; e na rua do Alecrim n.º 47 nas quartas e sabbados á noite. Imprime-se na Imprensa Nacional o respectivo compendio, em portuguez.